

Editorial

É com alegria que apresentamos a décima quinta edição do periódico E-Hum, referente ao segundo semestre de 2015. Abrimos esse editorial comemorando importantes conquistas que visam uma melhor visibilidade da E-Hum no plano nacional e internacional. Agora, a revista além de figurar no Portal Brasileiro de Publicações Científicas de Acesso Aberto – OASISbr passou a ser indexada no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal – RCAAP e, também no LA REFERENCIA - plataforma que permite a visibilidade da produção científica de acesso aberto das instituições de ensino superior e pesquisa da América Latina. Atribuímos esse sucesso ao trabalho coletivo e compartilhamos os resultados obtidos com os membros de nossos conselhos executivo e científico e, também, com os organizadores de dossiê, autores, avaliadores e leitores.

Sem perder a tradição multidisciplinar da revista na área de humanidades, buscamos, nesse número, enfatizar o estudo da África, área de conhecimento com grande projeção nos últimos anos. Na seção de artigos livres apresentamos três contribuições com temáticas bem diferentes. O artigo de Régis Clemente Quintão aborda o comércio e o abastecimento no distrito diamantino no período da real extração de diamantes. A proposta de seu estudo é enfatizar a partir de testamentos, inventários e viajantes a economia interna durante a segunda metade do século XVIII. O ponto forte do trabalho de Quintão é demonstrar como a economia diversificou-se em razão da lógica desenvolvida a partir do controle do Estado Colonial, o que apontaria para a referida separação entre as atividades agropastoris e mineradoras.

No segundo artigo, Josimar de Mendonça demonstrar como as Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação – TDIC influenciam a sociedade contemporânea. Assim, o autor busca analisar a trajetória da Internet, evidenciando o novo conceito de comunicação que se estabelece por intermédio dos recursos oferecidos pela rede, como também mostrar em que medida as inovações tecnológicas modificam a realidade social e afetam diretamente as relações pessoais e a noção de público e privado.

O terceiro artigo de Verônica Figueiredo e Paula Knychala do Carmo envereda pelos caminhos da psicopedagogia. A partir dos conceitos da Sociologia da Educação analisa-se a relação entre resiliência e fracasso escolar. As autoras buscam fazer uma síntese sobre a capacidade de superação do indivíduo frente a situações de adversidades no processo de ensino e aprendizagem.

Enfim, voltamos à África e aos africanos que constituem um inovador e complexo objeto de estudo e pesquisa a ser explorado e conhecido. Então, no intuito de conhecer as dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais dos povos africanos em suas diversas temporalidades, apresentamos o Dossiê: “As fontes para a História da África”, organizado pela professora Vanicléia Silva Santos.

É notório que nos últimos anos, a historiografia sobre a História da África tem recebido mais atenção dos historiadores brasileiros, os quais tem buscando o diálogo com a historiografia internacional, publicada, principalmente na América do Norte, Europa e, em menor medida, com a África e a América Latina. Dezenas de livros, revistas, teses e dissertações produzidos nas duas últimas décadas no Brasil abrangem os mais variados temas e períodos relativos à História da África. Apenas para ressaltar a produção de artigos, nas duas últimas décadas, mais de 20 diferentes revistas brasileiras publicaram dossiês temáticos, relativos aos estudos africanos, produzidos por especialistas brasileiros e estrangeiros. Sendo que, mais de 80% dos referidos dossiês foram publicados nos últimos 4 anos. Além destes dossiês publicados em revistas da área de História e áreas afins, há ainda os artigos publicados nos periódicos brasileiros, voltados exclusivamente para esse tema, tais como: Afro-Ásia da Universidade Federal da Bahia, Estudos Afro-Ásiáticos, da Universidade Candido Mendes, África e Sankofa (ambas da Universidade de São Paulo) e África(s) da Universidade Estadual da Bahia. As duas

últimas revistas foram criadas recentemente, 2008 e 2014, respectivamente, como um resultado da ampliação do interesse dos profissionais pelos estudos africanos.¹

O objetivo deste dossiê é contribuir com a historiografia relativa aos estudos africanos. Este volume dedica-se ao tema das “fontes para a escrita da história da África”. A maior parte das pesquisas apresentadas neste dossiê foram realizadas em arquivos de países africanos, como África do Sul, Namíbia, Moçambique e Cabo Verde; e em outros países onde também estão localizadas fontes sobre as referidas nações, como Portugal, Alemanha e Brasil. Os autores recorreram a vários tipos fontes, como jornais, ações criminais, documentos jurídicos, depoimentos, memórias, relatórios, crônicas, correspondências oficiais, e vários outros tipos de documentos disponíveis nos arquivos de cidades africanas. As pesquisas nos arquivos africanos, bem como as novas tecnologias, favorecem o acesso aos documentos escritos não só pelos europeus, mas também pelos habitantes de cada região, como veremos na maioria dos artigos.

São sete artigos originais, produzidos por professores de diversas universidades brasileiras e estrangeiras, e estudantes de pós-graduação de universidades brasileiras. A maior parte dos ensaios é sobre Cabo Verde. O primeiro artigo é de Eduardo Pereira, cabo-verdiano, professor de História de Cabo Verde na Universidade de Cabo Verde, que teve sua formação realizada no Brasil, na Universidade de São Paulo. O autor pesquisou nos arquivos da Cidade da Praia, Cabo Verde e em Lisboa sobre um período pouco estudado da História de Cabo Verde – o projeto de transferência da sede administrativa do governo da ilha de Santiago para a de São Vicente, na primeira metade do século XIX. Os políticos moderados defendiam a transferência para Mindelo (São Vicente), sob a justificativa de que o lugar possuía clima sadio, era seguro e que as escolas, as práticas esportivas, o comércio e a indústria seriam centrais para a vida dos novos moradores. Ao contrário da propalada insalubridade e insegurança da ilha de Santiago. Contudo, o autor argumenta que a ampla defesa para a mudança de Santiago para São Vicente, cuja justificativa era o clima doentio desta, era um subterfúgio das autoridades políticas locais diante do medo das revoltas populares que ocorriam em Santiago.

Taciana Resende apresenta o resultado parcial da pesquisa de Mestrado, defendida no Programa de pós-graduação em História na Universidade Federal de Minas Gerais. A autora, a partir de uma perspectiva Atlântica e da leitura atenta à produção dos intelectuais claridosos mostra como, entre os anos 1950 a 1980, dois intelectuais da Revista Claridade de Cabo Verde, Baltasar Lopes e João Lopes, leram, interpretaram, discordaram e fizeram apropriações particulares sobre o discurso da mestiçagem de Gilberto Freyre. As ideias de mestiçagem de Freyre foram apropriadas para, particularmente, confirmar o projeto político e também identitário dos intelectuais do arquipélago. Em outras pala-

¹*História Social* (Unicamp), Dossiê “África do Sul”, n.3, 1996; *Revista Tempo* (UFF), Dossiê “Escravidão e África Negra”, n.6, 1998; *Revista de História* (USP), Dossiê “África e América”. Org. Maria Cristina C. Wissenbach, n.155, 2006; *Revista Tempo* (USP), Dossiê “África”. Orgs. Mariza de Carvalho Soares & Marcelo Bittencourt, n.20, 2006; *Revista Estudos Históricos* (CPDOC-FGV), Dossiê “Brasil-África”, v. 1, n. 39, 2007; *Revista Anos 90 (UFRGS)*, Dossiê “África – Brasil”. Orgs. Regina Xavier & Regina Weber, n.27, 2008; *Revista Mêtis* (UFRGS), Dossiê “História da África”. Orgs. Silvio M. Correa & Marcelo Bittencourt, n.19, 2011; *Revista História Hoje (Anpuh)*, Dossiê “Ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira”. Orgs. Martha Campos Abreu & Silvio de Almeida Carvalho Filho, n.1, 2012; *Revista Varia História* (UFMG), Dossiê “Nações, Comércio e Trabalho na África Atlântica”. Orgs. Vanicleia S. Santos & Alexandre Gebara, n.55, 2012; *Revista Temporalidades* (UFMG), Dossiê “História da África no Brasil: Ensino e Historiografia”. Org. Vanicleia Silva Santos, n.2, 2012; *Revista de História* (Biblioteca Nacional), Dossiê “África Brasil”. Org. Alberto da Costa e Silva, n. 78, 2012; *Projeto História* (PUC-SP), Dossiê “Diásporas”. Orgs. Amailton Magno Azevedo & Maria Antonieta Martinez Antonacci, n.44, 2012; *Revista Eletrônica do Tempo Presente* (UFRJ), Dossiê “História e Historiografia Da África No Brasil”. Org. Silvio de Almeida Carvalho Filho, n.03, 2013; *Tempo de História* (UNB), Dossiê “África e Brasil: diásporas, escravidão e herança”. Org. Selma Pantoja, n.22, 2013; *Revista Ciências Humanas* (UFV), Dossiê “Novos estudos em História da África”. Org. Vanicleia S. Santos & Thiago Mota, n.2, 2014; *Espaço Plural* (UNIOESTE-PR), Dossiê “África e Diásporas”. Orgs. Danilo Ferreira da Fonseca & Vera Lúcia Vieira, n.28, 2013; *Revista TEL* (UNICENTRO-PR), Dossiê “África: culturas, identidades, sociedades”. Orgs. Ana Paula Wagner & Eugénia Rodrigues, n.3, 2014; *Revista Anos 90 (UFRGS)*, Dossiê “História das Sociedades Africanas: Temas, Questões e Perspectivas de Estudo”. Org. José Rivair Macedo, n.40, 2014; *História, Ciência & Saúde*. Manguinhos, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, Dossiê “Medicina no Contexto Luso-Afro-Brasileiro”. Org. Jaime L. Benchimol, n.2, 2014; *Conjuntura Internacional* (PUC-MINAS), Dossiê “África – A Invenção da África”. Org. Rodrigo Correa Teixeira, v. 11, n. 2, 2014; *Revista Outros Tempos* (UEMA), Dossiê “África: gênero, nação e poder”. Orgs. Tatiana Raquel Reis Silva & Teresa Cruz e Silva, n.19, 2015; *História: Questões & Debates* (APAH-UFPR), Dossiê “Estudos Africanos no Brasil: um diálogo entre História e Antropologia”. Org. Héctor Guerra Hernandez, n.1, 2015; *Sociedade e Estado* (UNB), Dossiê “Ciências Sociais e Construção de Conhecimento a partir da África”. Orgs. Eliane Veras Soares, Remo Mutzenberg & Marcelo C. Rosa, v.30, n.2, 2015. Nos próximos dias, mais três dossiês serão publicados: *Revista de Ciências Sociais* (UFC), Dossiê “O Trabalho em África”. Orgs. Carla Susana Alem Abrantes & Marina Annie Berthet, n.02, 2015; Augusto Nascimento organizará o dossiê “Dinâmicas políticas, sociais e culturais em África” na *Revista TEL* (UNICENTRO-PR); e Lúcia Helena Oliveira da Silva organizará o dossiê “História da África e afro-brasileira: perspectivas, experiências e diálogos” na *Revista Faces da História* (UNESP).

vras, Resende notou que a ideia de mestiçagem para os autores cabo-verdianos passava imediatamente pela elevação da cultura portuguesa e afirmação do papel do mestiço como símbolo maior cultura cabo-verdiana, elemento que os diferenciava da indesejada cultura dos “africanos” do continente.

O terceiro artigo sobre Cabo Verde foi escrito por Aracy Martins, professora da Faculdade de Educação da UFMG, o historiador Victor Semedo e a professora de Língua Portuguesa Amélia Gomes, ambos professores da Universidade de Cabo Verde. Os três autores participam de um projeto em parceria entre UFMG e UNI-CV, do Programa AULP-CAPES, que fomenta a pesquisa e a mobilidade de pesquisadores entre o Brasil e países de língua oficial portuguesa, exceto Portugal. Este artigo é um dos resultados do projeto deste grupo. Trata-se de análise na longa duração sobre os processos de sistematização, padronização e oficialização da língua crioulo cabo-verdiano. Foram analisadas obras e documentos oficiais acerca do debate e avanços para a padronização do crioulo no país e o uso efetivo como língua oficial, juntamente com a língua portuguesa. Este artigo dialoga com o artigo de Taciana Resende, na medida em que problematiza a eleição do crioulo (cultura e língua) como símbolo de uma identidade nacional cabo-verdiana.

Fernanda Thomaz é professora de História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais; o artigo apresentado é resultado das pesquisas realizadas em Moçambique para o Doutorado em História. A autora aborda tema ainda raro na historiografia sobre Moçambique – como as autoridades locais do Cabo Delgado continuaram a fazer uso do direito local, apesar de teoricamente submetidos ao poder e ao Código Penal dos colonizadores. Por meio de ações criminais, chamadas de “Auto-crime”, levantadas no Arquivo Histórico de Moçambique, a autora acessou o interior das cidades e aldeias do norte e notou que, na investigação e julgamento das ações criminais, a despeito dos chefes de aldeias sentirem a coerção colonial, estes faziam com que o direito consuetudinário prevalecesse, em muitos casos. Por outro lado, o domínio colonialista, apesar do interesse em aumentar o controle sobre os nativos, também via-se ameaçados pelos saberes dos indígenas relativos à forma de investigar e punir os delitos ocorridos na comunidade.

Silvio Correa é professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Com ampla produção nacional e internacional, o autor é reconhecido pelas investigações nas regiões da África de colonização alemã. A partir da perspectiva dos estudos da diáspora contemporânea, o autor evidenciou no presente ensaio um tema pouco pesquisado pela historiografia em geral, a migração forçada dos alemães que viviam na atual Namíbia para a atual África do Sul, no contexto da Primeira Guerra Mundial. O autor também explorou o uso de fontes em arquivos da Namíbia e da África do Sul, bem como memórias publicada por mulheres alemãs, como o livro da alemã Herta Brodersen-Manns. Embora ela e outras mulheres tivessem feito livremente a opção de deixar a Alemanha e viver na Namíbia, no contexto do colonialismo, foram forçadas a migrar para o Sul da África, onde algumas viveram em campos de prisioneiros sob as mais ásperas condições; outras conseguiram mudar para as cidades sul-africanas, onde trabalharam como empregadas ou governantas de famílias alemães, ingleses e africânderes, ou como professoras, contudo com menos privilégios sociais; ou casaram-se com africânderes.

Os três últimos artigos tratam das relações Portugal-Angola e Brasil-África, que utilizaram como corpus documental fontes identificadas em arquivos brasileiros. Márcio Motta, doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, investigou os diários e informes das pesquisas do naturalista Joaquim Jose da Silva, nascido no Brasil, e que morava em Portugal, em razão dos estudos. Após concluir os estudos, o naturalista foi pesquisar em Angola, onde viveu por duas décadas, envolveu-se em atividades administrativas e também em viagens de exploração das riquezas do território, entre o final do século XVIII e início do XIX. Além das investigações sobre a mineralogia, o

referido naturalista se interessou pelos hábitos da população e deixou importantes notas etnográficas sobre a costa angolana no referido período. Este artigo utilizou os relatos de viagens e outros documentos para tratar mais do aspecto relacionado à circulação da elite no império português e dos saberes apreendidos por estes estrangeiros. Nesse sentido, as fontes arroladas merecem ser revisitadas a partir de uma perspectiva mais africanista para desenvolvimento de estudos sobre a história ambiental, a história dos povos com quem o naturalista-explorador e funcionário da Coroa teve contato, bem como o ambiente político e econômico de Angola no referido período.

O artigo de Mariana Schilickman é resultado parcial do mestrado defendido na UFMG. A autora analisou a produção historiográfica publicadas nas três revistas que pertencem aos três primeiros centros estudos africanos fundados no Brasil na segunda metade do século XX. Os dados referem-se à cerca de duas décadas (1965-87) de artigos publicados por brasileiros e estrangeiros nas referidas revistas. A partir da identificação dos autores-pesquisadores dos centros e do material produzido, a autora fez um raio x dos temas, períodos e países alvos das pesquisas realizadas nos centros de estudos africanos, no contexto da ditadura militar brasileira e das lutas de independências em vários países africanos. Mais do que uma profunda análise, os números apresentados no artigo constituem o primeiro esforço para evidenciar o perfil dos estudos e dos pesquisadores que iniciaram os estudos africanos no Brasil.

Por último, mas não menos importante, temos o artigo de Vanicléia Silva Santos, Eduardo França Paiva e Yacy-Ara Froner, todos professores da UFMG. Trata-se de ensaio que busca apresentar os primeiros resultados do levantamento de fontes documentais sobre os marfins em Minas Gerais e também sobre o comércio de presas de marfim entre as duas costas atlânticas. O objetivo é mostrar a possibilidade de estudos dos marfins como fontes históricas para estudo das sociedades conectadas pelo mundo atlântico. O estudo da cultura material pode mostrar com os objetos em marfim circularam, conectaram pessoas e alteraram os gostos dos mundos misturados pela monarquia católica.

Este dossiê tem ainda uma sessão de resenhas. As obras resenhadas “O culto da serpente no reino de Uidá” e “The art of conversion” foram publicadas recentemente, uma no Brasil e a outra nos Estados Unidos, respectivamente. Ambos os livros tem como base empírica as fontes produzidas pelos europeus, de natureza literária ou iconográfica, que tiveram contato com os povos descritos ou que conheceram as regiões por meio dos relatos dos viajantes. As resenhas enfatizaram os aspectos gerais e metodológicos das obras para que o leitor conheça as novas produções e tenham interesse em ler as obras em tela.

Portanto, o material que compõe este dossiê responde diretamente à questão de quais fontes utilizar para escrever a história da África. Os novos olhares direcionados para as fontes arquivísticas trouxeram para a historiografia novos objetos de estudo. Longe das dualidades europeu versus africano, colono versus colonizador, mulher versus homem, negro versus branco, as fontes mostram que os processos históricos foram muito mais complexos do que a historiografia tradicional privilegia.

Para concluir, é mais que sabido que a criação da Lei Federal 10.639/2003, que obriga o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira em todas as escolas brasileiras, deu impulso às investigações sobre a África no Brasil. O objetivo principal da referida Lei é que a escola mostre o africano para além do mundo do tráfico de escravizados e da escravidão; deve-se enfatizar o protagonismo dos africanos e seus descendentes no contexto cultural, social e político em que estes viveram. Essa perspectiva é, acima de tudo, uma estratégia para o combate ao racismo e para a superação de antigas representações sobre os africanos na sociedade brasileira, e em todas as sociedades construídas sob o lastro do tráfico de escravos e da escravidão.

Concluindo, esta nova publicação mostra que, embora as pesquisas acadêmicas voltadas para História da África ainda sejam recentes no Brasil, ou seja, há menos de 50 anos – considerando a fun-

dação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Bahia, em 1959, como marco inicial – os pesquisadores brasileiros tem cada vez mais buscado uma perspectiva africanista para escrever a história da África. Por outro lado, os artigos de pesquisadores africanos revelam a dimensão do diálogo historiográfico que tem se estabelecido entre os intelectuais brasileiros e os do outro lado do Atlântico.

Esperamos que este dossiê, além de fortalecer a historiografia, que tem vigorosamente investigado a História da África, atinja o público em geral.

Rangel Cerceau Netto
Editor da Revista e-hum

Vanicléia Silva Santos
Organizadora do Dossiê
Professora de História da África da Universidade Federal de Minas Gerais

